

Spurgeon sobre falar de improviso

Quem conversou comigo sobre pregação, provavelmente já me ouviu falar sobre *Lições aos meus alunos*, de C. H. Spurgeon. Mais especificamente, sobre o testemunho de Spurgeon acerca do que lhe aconteceu no que diz respeito à arte do falar de improviso. Se você não conhece a história, ou quer ler de “primeira mão”, eis aqui a oportunidade! [FSAN]

O pensamento do homem que se acha afirme sobre os seus pés, dilatando-se sobre um tema que conhece bem, pode estar muito longe de ser pensamento que lhe ocorreu pela primeira vez; pode ser a nata das suas meditações aquecidas pelo calor do seu coração. Tendo antes estudado bem o assunto, embora não no momento, pode comunicar-se muito poderosamente; ao passo que outro homem, sentando-se para escrever, pode escrever somente as suas primeiras ideias, provavelmente vagas e insípidas. Neste caso, não tentem falar de improviso, a menos que tenham estudado bem o tema — paradoxo que é conselho da prudência.

Lembro-me de ter sido provado duramente certa ocasião, e se não fosse versado na prática de falar de improviso, não sei como me teria saído. Esperavam-me para pregar em certa capela que estava apinhada de gente, mas não cheguei na hora, pois fui atrasado por uma obstrução na estrada de ferro. Assim, outro ministro dirigiu o culto e, quando cheguei ao local, esbaforido pela pressa, ele já estava pregando. Vendo-me aparecer e entrar por entre as fileiras de bancos, parou e disse: “Aí está ele”, e olhando-me, acrescentou: “Vou dar-lhe o lugar; venha terminar o sermão”. Perguntei-lhe qual era o texto e até que ponto havia chegado com ele. Disse-me qual era o texto e que tinha acabado de passar pela primeira divisão. Sem hesitação, tomei o discurso a partir daquele ponto e concluí o sermão; e me envergonharia de qualquer homem aqui presente que não pudesse fazer a mesma coisa, sendo as circunstâncias tais que me tornaram a tarefa notavelmente fácil. Em primeiro lugar, o outro ministro era meu avô, e, em segundo lugar, o texto era — “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”. O indivíduo teria que ser um animal mais bronco do que aquele que Balaão montou se, em tal conjuntura, não tivesse achado algo que falar. “Pela graça sois salvos” fora comentado como indicando a *fonte* da salvação. Quem não poderia continuar, descrevendo a cláusula seguinte, “por meio da fé”, como o *canal*? Ninguém teria necessidade de estudar muito para demonstrar que recebemos a salvação por meio da fé. Contudo, naquela ocasião, tive uma provação adicional pois, quando tinha avançado um pouco e estava ficando aquecido para o meu trabalho, a mão de alguém bateu-me aprovadoramente, e uma voz disse: “Está bem, está bem; diga-lhes isso de novo, para que não o esqueçam”. Imediatamente repeti a verdade e pouco depois, quando me estava tornando mais profundamente experimental, puxarem-me gentilmente pela ponta do casaco, e o velho cavalheiro ficou em pé na frente e disse: “Ora, o meu neto pode falar-lhes isto em termos de uma teoria, mas eu estou aqui para dar-lhes testemunho disto como matéria de experiência prática; sou mais velho que ele, e devo dar-lhes meu testemunho como velho”. Daí, depois de nos dar a sua experiência pessoal, disse: “Aí, pois, meu neto pode pregar o evangelho muito melhor do que eu, mas ele não pode pregar um evangelho melhor, não é?”. Bem, cavalheiros, facilmente posso imaginar que se eu não possuísse um pouco de capacidade de falar de improviso naquela ocasião, poderia ter ficado um tanto perturbado; mas do modo como foi, o sermão me veio tão naturalmente como se tivesse sido preparado.

Fonte: C. H. Spurgeon, *Lições aos meus alunos*, volume 2 (São Paulo: Editora PES, 1990), pp. 194-95.